

## RESENHAS

---

BENOIT, Hector. *Sócrates. O Nascimento da Razão Negativa*. São Paulo: Ed. Moderna, 1996. 159 p.

---

Hector Benoit realiza no presente livro, de cunho introdutório, uma interpretação original de Sócrates a partir dos diálogos de seu mais famoso discípulo. Utilizando uma temporalidade baseada tão somente nas cenas dramáticas dos diálogos de Platão, o Autor desfaz a crença num “enigma-Sócrates”, criado a partir da multiplicidade de imagens que se fez dele, e propõe um “Sócrates-conceito”, ou seja, uma figura que se mostra no desenvolvimento dialético da razão negativa que permeia os Diálogos.

A partir do pressuposto, caro ao período clássico, que para se conhecer o que alguma coisa realmente é – o que é a essência de algo – é preciso superar as múltiplas imagens que se tem dessa coisa e buscar o seu conceito, o Autor inicia uma investigação para descobrir quem foi Sócrates para além das inúmeras imagens construídas a partir das notícias que restaram dele. Quem teria sido o homem que mais marcou a razão ocidental, o homem que preferiu buscar a verdade no homem e não na natureza, o homem que colocou como questões centrais da filosofia a ética e o conhecimento?

Muito já se discorreu sobre o Sócrates de Xenofonte, o de Aristóteles ou o de Platão, contudo se é certo que esses autores o viram sob diferentes perspectivas, Benoit faz notar que mesmo dentro desses enfoques diversos algumas características são comuns. Para perceber isso, o mais importante não é deter-se nas descrições de sua aparência exterior, na sua conhecida habilidade em refutar valores ou na sua fama de corajoso e esforçado, mas sim atentar para o poder da ação negativa, aquilo que o grego chamava de *apóphasis*, e que Sócrates dava início ao engendrar a dúvida, o movimento negativo que irrompia no choque contraditório das múltiplas imagens. Assim, o que o Autor chama de razão negativa pode ser percebido no modo pelo qual Sócrates “é” e exerce o seu “amor pela sabedoria”.

Contudo, mesmo que os testemunhos acerca de Sócrates deixem transparecer elementos comuns tanto da vida quanto da suposta doutrina socrática, somente através dos diálogos de Platão é que o exercício da negatividade, característica fundamental da dialética socrática, pode ser apreendido como um processo. A constatação a que se chega é: tanto Xenofonte como Aristóteles perceberam o poder do negativo em Sócrates, mas é em Platão que esse negativo mostrar-se-á como um desenvolvimento conceitual expresso na figura de Sócrates entendida como um todo. Desse ponto de vista, a multiplicidade de figuras socrá-

ticas (charlatão, corruptor da juventude, moralista, sábio, etc....) é substituída pela formulação de um conceito que se mostra como um processo similar à dialética. Esse conceito é resultado de uma análise da figura socrática tal como aparece nos Diálogos de Platão, onde as cenas dramáticas vivenciadas por Sócrates são interpretadas por uma perspectiva “lógica”, isto é, sem levar em conta a temporalidade histórica, preterida em favor de uma “temporalidade dramática”, interna aos Diálogos. Essa opção metodológica, cuja consciência o Autor faz questão de ressaltar, tem como finalidade buscar, apoiando-se somente nos textos platônicos, a superação dialética das múltiplas imagens que se criaram da figura de Sócrates, o qual surge ao final da investigação como o “ser que da sua negação interna sempre retorna no permanente retorno irônico do negativo” (p. 96).

O movimento dessa razão negativa, expressa na figura do mestre de Platão, pode ser observado, num primeiro momento, no diálogo que descreve os últimos momentos da vida de Sócrates. No *Fédon*, supostamente ocorrido em 399 a.C., Sócrates, recordando sua juventude, narra sua decepção com as teorias anteriores dos fisiólogos, uma vez que essas não foram capazes de fornecer-lhe uma causa satisfatória que desse conta não só da existência das coisas como de sua destruição e de suas inevitáveis transfor-

mações. Segundo o *Fédon*, aí estaria a origem da “teoria das Idéias”, cuja autoria Benoit, em oposição à tradição aristotélica, atribui a Sócrates. Nessa teoria, como se sabe, as Idéias são tidas como causa da existência e como princípio conceitual de todas as coisas do mundo sensível. Os fatos e a idade do personagem Sócrates coincidem com a narrativa do *Parmênides*, onde a dificuldade em explicar como as coisas sensíveis (participantes do múltiplo) participam das Idéias sem que as próprias Idéias – unas em si mesmas – não venham a multiplicar-se tantas vezes quantas coisas sensíveis venham a existir, coloca o jovem Sócrates numa aporia tão grande que ele permanece silencioso por muito tempo depois. Somente a partir das revelações délficas narradas na *Apologia*, ou seja, saber que nada sabe, Sócrates começa a perceber um meio de escapar do problema da participação. O intermediário, ou seja, a mediação necessária entre o não-saber do mundo sensível e o saber do mundo inteligível é dado, num primeiro momento por uma espécie de “suspensão do juízo”, que se dá como consciência da ignorância. Mas isso dura pouco. Logo Eros, através das revelações da sacerdotisa Diotima, fornecerá a Sócrates os meios de realizar a ponte necessária entre o mundo sensível e o inteligível, os meios para ultrapassar o abismo que Parmênides julgava intransponível. O silêncio de

Sócrates é quebrado, de fato, nos chamados diálogos aporéticos. Nessa fase situam-se *Protágoras*, *Lysis*, *Alcibíades* e *Cármides*, diálogos em que a “dialética erótica” manifesta-se como amor dos belos corpos e daí para as belas ações, numa espécie de propedêutica à contemplação do Belo em si.

Em *Alcibíades*, um novo degrau é atingido na ascensão ao mundo das Idéias, onde o Bem e o Belo estão situados. A superação do saber que nada sabe ocorre no saber de si que se reconhece noutra alma como num espelho. O conhecimento de si, do saber de si, transforma a figura socrática. Sócrates passa de mero interrogador a portador de um saber dogmático. O *Górgias*, datado de 427 a.C., situa-se na fase em que Sócrates teria aproximadamente 43 anos e na qual se coloca como um crítico implacável não só da retórica como de todas as “falsas artes”, como um negador das atividades que carecem de *lógos*. Ao lado da retórica estariam a culinária, a sofística e a cosmética, sendo que todas essas tentam passar-se por verdadeiras atividades, a saber, a justiça, a medicina, a legislação das cidades e a ginástica. Com isso, Sócrates, de posse do exercício moral, parte para a abordagem política. Mas antes disso, há a necessidade de um voltar-se para si mesmo, de um despertar do conhecimento adormecido. Nesse sentido, a teoria da reminiscência no *Mênon* mostra-se, na leitura do Autor, como um

aprofundamento do saber de si, como a completude de uma ascensão até as Idéias. Cabe notar, nesse ponto, uma intenção de fazer um paralelo entre o percurso sensível da figura de Sócrates e o caminho ascendente em direção à sabedoria.

O duvidoso elogio de Alcibíades no *Banquete*, cuja cena se passa no ano de 416 a.C., fornece pistas para se pensar que o movimento dialético, isto é, que o percurso da figura socrática não é constituído apenas de ascensos, mas também de descensos, sem o que permaneceria experiência subjetiva, individual. Por sua vez, o diálogo *República* mostra, através da trajetória proposta para o verdadeiro filósofo, como se dá a superação da multiplicidade sensível até a unidade expressa na idéia de uma cidade justa. Mas nesse ponto o antigo problema da participação entre o sensível e o inteligível reaparece. A conciliação entre o dever-ser e o ser, entre teoria e prática não ultrapassa o nível da tentativa nos diálogos seguintes (*Timeu*, *Crítias* ou *Filebo*).

De acordo com Benoit, a investigação do que vem a ser “ciência” no *Teeteto*, realizada supostamente no ano da morte de Sócrates, recoloca a sempre presente questão do “pai” das filosofias fundamentadas na não-contradição, “o Não-Ser não é, só o Ser é”. Mas, justamente as teorias “imobilistas” impossibilitam o avanço da discussão acerca do que vem a ser a ciência. So-

mente no diálogo seguinte, no *Sofista*, ocorrerá aquilo que ficou conhecido como o parricídio de Parmênides. A longa discussão acerca do ser do sofista implica o questionamento da teoria parmenidiana. Com efeito, quando o “ser”, na predicação de sua identidade absoluta já se mostra como “outro”, a negatividade interna revela-se essência da racionalidade, “motor do *lógos*”.

Se a maioria dos estudiosos de Sócrates, antigos ou recentes, muitas vezes mostraram-se unilaterais ou estáticos nas suas interpretações dessa figura tão importante para a história do pensamento ocidental, o presente

estudo, ao ater-se aos textos do mais fidedigno porta-voz das palavras de Sócrates, revela-se esforço original no sentido de fornecer uma interpretação da figura socrática que, se não é verdadeira no sentido biográfico, pelo menos pode ser tida como uma possibilidade de leitura realizada a partir de textos corroborantes.

MARISA R. R. DONATIELLO\*  
Faculdade de Filosofia, Letras e  
Ciências Humanas  
da Universidade de São Paulo

---

\* Mestre em Grego pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da FFLCH-USP.